

# Nota de leitura

---

ALBALADEJO VIVERO, Manuel (2012) – *Léxico de Topónimos y Etnónimos del Noroeste de la Península Ibérica en la Antigüedad*. Cartografía de José María Gómez Fraile. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Ediciones Polifemo. 219 p., il. ISBN: 978-84-00-09429-4; 978-84-96813-63-2.

---

Decerto a dissertação de doutoramento que apresentou na Universidade de Alcalá de Henares (2003) sobre a etnografia e a geografia histórica da Índia e da Etiópia na literatura clássica constituiu ponto de partida para novas pesquisas de Albaladejo Vivero neste domínio em que Geografia, História e Etnografia intimamente se entrelaçam e de que, por isso mesmo, a toponímia e a etnonímia são vestígios relevantes a estudar.

Povos e lugares têm de ser identificados e os nomes que lhes são atribuídos contêm informações muito concretas acerca do significado que eles detiveram, nomeadamente as suas características mais salientes, nesse momento primordial do «baptismo». O desconhecimento do idioma então usado; a dificuldade sempre sentida de se passarem a escrito, em signos compreensíveis, os sons pronunciados pelos indígenas; e a circunstância de as fontes antigas (de Estrabão, Plínio, Pompónio Mela, Ptolemeu...) terem sido elaboradas, mui provavelmente, sem um conhecimento concreto «do terreno» (como hoje se diria) – apresentam-se, na atualidade, como barreiras nem sempre facilmente transponíveis, mas, por isso mesmo, mais aliantes ainda para o investigador da toponímia e da etnonímia da Antiguidade.

Explicita-se na badana do livro que ele foi concebido para disponibilizar «todas las informaciones literarias y epigráficas conocidas hasta el momento sobre los topónimos y etnónimos del Noroeste de la Península Ibérica durante la Antigüedad», intenção que sobremaneira se justifica atendendo ao «considerable número de nuevos testimonios que, sobre todo, la epigrafía ha sacado a la luz durante los últimos años», aguçando o debate científico, porquanto alguns desses documentos – como é o caso do chamado Édito del Bierzo ou a designada *Tabula*

*Lougeiorum* – proporcionam informações de tal modo inesperadas que, inclusive, levaram autores a suspeitar da sua autenticidade.<sup>1</sup>

Compreende-se, pois, a oportunidade e atualidade desta obra, que, em jeito de dicionário – complementando o que António Tovar fizera, há já bastante tempo, na sua *Iberische Landeskunde* [Baden-Baden, 1 1974 (Bética), 2 1976 (Lusitânia), 3 1989 (Tarraconense)] –, dá conta, por ordem alfabética, de tudo o que se sabe sobre determinado topónimo ou etnónimo. Um exaustivo trabalho de síntese, servido pela bibliografia disponível, que será doravante, não duvido, de consulta e de referência obrigatórias, até porque, sendo obra com esse objetivo, apresenta índices de acidentes geográficos, de *castella*, de centros urbanos, de etnónimos e de *mansiones*, a facilitar o seu manuseamento.

Não há, por conseguinte, um módulo artificialmente determinado: de um vocábulo (como *Astiatico*) podem exarar-se apenas duas linhas explicativas e outra de bibliografia, e em relação a palavras como *Artabri* ou *Casitérides* o autor estende-se, naturalmente, um pouco mais.

Torna-se sempre difícil, nestes termos e perante a vastidão do tema – mau grado a sua (apenas aparente) simplicidade –, aproximar-se do que poderíamos designar por «análise exaustiva» de uma questão. Lançam-se pistas, deixam-se sugestões e... a investigação que prossiga! Quis testar duas ou três dessas entradas, a título de exemplificação.

Chamou-me a atenção *Ebora*, na medida em que temos a *Ebora* do *conventus Pacensis*. Manuel Albaladejo limita-se a explicar que se trata de uma localidade, identificada com a moderna Sinais, em cujo porto, segundo o testemunho deixado por Pompónio Mela, desaguava o rio *Tamara* ou *Damaris* [*sic*]. E remete para Tovar (1989, 302). Ora, para quem fizesse a consulta a partir do índice, conhecida como é a *Ebora Liberalitas Iulia*, o mínimo que esperava era que, mesmo como nota, se acrescentasse que o nome se repetia naquele *conventus*. Nada se diz. Aliás, também não se consegue saber a localização de Sinais, pois que não há índice de topónimos modernos e, na entrada *Tamara* ou *Tamaris* (e aí nos apercebemos que houve uma gralha atrás, no nome do rio), se escreve «véase el mapa correspondiente», mas não se explica qual é e, no da página 176, que apresenta o Noroeste segundo a *Corografía* de Pompónio Mela, lá vem, de facto, Puerto Ebora com ponto de interrogação, mas o topónimo correspondente parece ser Prestamarcos.

Vi o topónimo *Salacia* no mapa da rede viária (p. 182) e também fiquei curioso, uma vez que temos outra *Salacia*, também no *conventus Pacensis*. E, de novo, nada aí se diz como referência; somente que seria mansão da via XVII, a

<sup>1</sup> Vejam-se, a título de exemplo, as contribuições inseridas em GRAU LOBO, Luis; HOYAS DÍEZ, José Luis, eds. (2001) – El Bronce de Bembibre: un Edicto del Emperador Augusto del Año 15 a. C. Museo de León. León: Museo de León; ou os comentários de CANTO, Alicia María (1990) – La Tabula Lougeiorum: Un documento a debate. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. 17, p. 267-275.

dar crédito ao *Itinerário de Antonino*, identificável, segundo Rodríguez Colmenero, com Vieira do Minho.

Dir-se-á, a respeito destes dois exemplos, que o autor quis cingir-se ao Noroeste; todavia, essas duas outras cidades foram tão importantes que uma alusão à sua existência afigura-se-nos que não seria despropositada, até porque, havendo topónimos iguais em áreas distintas, tal vem confirmar a evidente complexidade destes estudos. De resto, tal omissão não se compreende se verificarmos que, em relação a *Talabriga*, o autor tem outra opção: «Es de destacar la homonímia de este topónimo con la ciudad que se hallaba al sur del Duero, en el territorio de los lusitanos [...]».

No que concerne à bibliografia (p. 189-202), compreende-se que Albaladejo não cite a dissertação de doutoramento de Amílcar Guerra, *Nomes Pré-romanos de Povos e Lugares do Ocidente Peninsular*, defendida na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1997, por ainda se não encontrar publicada, mas que, apesar disso, está já amiúde citada; desse mesmo autor há, porém, «Os nomes do rio Lima. Um problema de toponímia e geografia histórica», que versa a problemática do rio *Limia*.<sup>2</sup> Por outro lado, apesar de já se encontrar naturalmente desatualizada, não deveria esquecer-se a primeira grande tentativa de localização de povos e topónimos empreendida, nos finais da década de 80, pelo Professor Jorge Alarcão, donde resultou *Roman Portugal* (Warminster, 1988), que não é referido. Aliás, Jorge Alarcão, depois do artigo, aqui amplamente citado, de 2001, sobre as paróquias suévicadas do território atualmente português, voltou, em 2004,<sup>3</sup> a alguns dos temas aí tratados; assim, nas p. 330-333, discute onde se situa «a cidade de *Omnia*», que também aparece designada *Omina* e de que Manuel Albaladejo apenas transcreve a informação primeira de Alarcão: «parroquia perteneciente a la diócesis de *Lamecum*, segundo se expresa en el *Parochial Suevum* 3, 5» (p. 123); e, nas p. 334-335, discute a localização do «*pagus Supelegio*», sobre o qual Manuel Albaladejo apenas escreve: «Localidad mencionada como parroquia de la diócesis de *Bracara* en el *Parochial Suevum* 1, 29» (p. 139).

No quadro das divindades indígenas cujos testemunhos se encontraram no Noroeste, há o *Genius Laquiniensis*, procedente de S. Miguel das Caldas de Vizela, e o *Genius Tiauranceaicus*, de Estorãos, Ponte de Lima, este último venerado por uma mulher, *Camala*, que se identifica como *Talabrigensis*, ou seja, natural de *Talabriga*. Jorge Alarcão, no citado texto de 2004, também se ocupa de *Talabriga* (p. 325-330) e, a propósito deste *Genius*, sugere que possa «tratar-se de um génio protector do rio Antuã ou do espaço entre os rios Antuã, Vouga e Caima, ou

<sup>2</sup> In VILLAR, Francisco; ENCARNACÃO, José d' (1996) – La Hispania Prerromana. In *Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Coimbra, 1994). Salamanca. p. 147-161.

<sup>3</sup> «Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – I», *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, p. 317-342 Disponível em [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7\\_1/12.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7_1/12.pdf).

entre Antuã, Ínsua e Caima» (p. 329), ou seja, no território de *Talabriga*, cuja «localização mais provável» continua a pensar que «é no Cabeço do Vouga, onde os vestígios romanos assumem particular importância» (p. 327), uma *Talabriga* homónima, portanto, da que se regista no Noroeste. No entanto, dentre todas as divindades, aquelas a que pode atribuir-se com mais certeza um carácter tópico, são precisamente os *Genii*; ver-se-á, por isso, com alguma dificuldade que o topónimo ou o etnónimo de que se formou o epíteto adjectival *Tiauranceaicus* não se localize onde a ara em sua honra foi achada ou muito perto.<sup>4</sup> Por conseguinte, afigura-se-me que os referidos epítetos – *Laquiniensis* e *Tiauranceaicus* – poderiam ter sido incluídos por Manuel Albaladejo no seu livro, até para suscitar nova discussão sobre o tema.

Perante tamanha multiplicidade de topónimos e de etnónimos, não podia o autor deixar de abordar, no final, como conclusão (p. 165-169), uma questão bem pertinente: que era, de facto, a *Gallaecia* referida pelos autores antigos? Tinha uma identidade linguística, de raiz céltica, por exemplo? Constituía uma unidade étnica? A resposta a ambas as questões é, seguramente, negativa, dada a diversidade de que, tanto num como noutro âmbito, as fontes epigráficas são testemunho, contrariando a imagem «unitária» veiculada pelas fontes clássicas, que correspondem, bem o sabemos, a uma visão exterior e simplificadora de uma realidade deveras complexa.

Vale, conseqüentemente, este *Léxico* como útil panorama geral que reúne o que se escreveu sobre a quase totalidade dos topónimos e etnónimos conhecidos. É, de resto, o facto de os ter reunido em volume que nos permite, agora, interrogarmo-nos sobre a ausência deste ou daquele; e, por outro lado, é esse panorama um bom ponto de partida para outras análises mais aprofundadas.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

<sup>4</sup> O carácter tópico de divindades como os *Genii*, os *Lares*, as *Tutelae* já havia sido salientado por ALARCÃO, Jorge; ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges (1969) – *Le culte des Lares à Conimbriga* (Portugal). *Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions & Belles Lettres*. Paris. p. 213-236, onde, inclusive, se comenta a relativa abundância deste tipo de dedicatórias a norte do Douro, na Galiza, «territoire occupé par des tribus celtes dont le régime social était fondé sur un particularisme très vivace» (p. 227). Uma síntese do que então se sabia acerca dos dois Génios citados foi, por isso, incluída no meu livro (1975) – *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*. Lisboa. p. 191-195. Ver também a síntese exaustiva apresentada por Luís da Silva Fernandes: «*Genii*, *Lares* e *Tutela* na província da Lusitânia», in RIBEIRO, José Cardim, coord. (2002) – *Religiões da Lusitânia*. *Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 179-188.